

A NOSSA GENTE
SEMPRE FOI DE LUTA.
E NUNCA DEIXOU
NINGUÉM PRA TRÁS.

TEMPO

SEJA
solidário.
SEJA
voluntário.

#ABAHIACONTRAO
CORONAVÍRUS

A Bahia conta com seus médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, farmacêuticos, assistentes sociais e todo mundo que puder ajudar para reforçar o atendimento na saúde e colaborar em ações diversas, como a distribuição de cestas básicas para quem mais precisa. Os baianos contam com você.



ACESSE ESTADOVOLUNTARIO.BA.GOV.BR E ENTRE NESTA GRANDE CORRENTE DE SOLIDARIEDADE PARA SALVAR VIDAS.

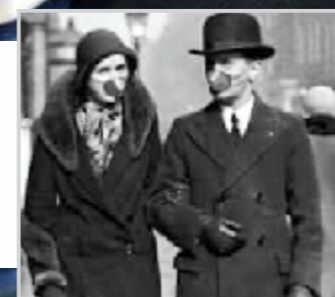
www.revistacotoxo.com.br



ANO XI • Nº LXXXVII - ABRIL DE 2020 • JEQUIÉ-BA



**PESQUISA DA
UESB - CAMPUS
DE JEQUIÉ
BUSCA
COMPOSTOS
QUÍMICOS NO
TRATAMENTO
CONTRA O
CORONAVÍRUS**



Há um século o mundo vivia
pandemia da gripe espanhola
Doença matou o presidente
da República do Brasil



Tempo do
quieta aí

Zé Cocá desenvolve ações para apoiar combate ao coronavírus

Visando preservar vidas, proteger a população de Jequié e região, e fortalecer as ações do governo do estado no controle, prevenção e combate ao coronavírus, o deputado estadual Zé Cocá (PP), destinou suas emendas impositivas, no valor de R\$ 1,5 milhão, para ações governamentais na área da saúde. “O momento é de muita responsabilidade e solidariedade nessa luta para conter a propagação do Covid-19”, disse Zé Cocá ao formalizar seu pedido junto à Secretaria de Relações Institucionais (Serin). Além disso, o parlamentar conseguiu mais R\$500 mil em emenda parlamentar na Câmara dos Deputados, através do deputado Cacá Leão, e mais R\$ 1 milhão, através do deputado Leur Lomanto Junior. “Estamos juntos nessa luta para salvar vidas”, disse Zé Cocá. Os municípios baianos sofrem com essa crise na saúde e precisam de recursos para realizar medidas preventivas e de combate ao coronavírus.

Diante dessa realidade, Zé Cocá solicitou ao governador Rui Costa, através de indicação encaminhada através da Alba, que determine à



Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social a liberação de recursos aos municípios baianos, a título de participação no custeio do pagamento e oferta de benefícios eventuais, previstos na Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS). Além dessas ações, Zé Cocá tem participado ativamente de importantes sessões virtuais da Assembleia Legislativas, onde foram votados e aprovados decretos legislativos reconhecendo estado de calamidade pública em quase 200 municípios. “Isso permite aos municípios a realocação de verbas orçamentárias em áreas estratégicas no combate à pandemia do coronavírus”, explicou. O parlamentar destacou também as medidas que estão sendo adotadas pelo governador Rui Costa, apontando entre elas o pagamento pelo governo das contas de água e luz da população mais carente, durante três meses.



Zé Cocá
DEPUTADO ESTADUAL

GRÁFICA
Silva
Transformando seu rascunho em arte final

Gráfica Silva
graficassilva@hotmail.com
73 3525-1731

AÇÃO DE VENDAS DE MÁSCARA
VALOR ARRECADADO PARA DOAÇÕES.

PROTEJA-SE E NOS AJUDE A AJUDAR QUEM PRECISA

@oficialadcb
ADCB
3325-3557 / 98806-6817

Assine a Revista
COTOXÓ

e contribua para manter a circulação desta publicação de qualidade. Aproveite esta promoção:

ASSINATURA SEMESTRAL R\$ 50,00 GANHE MAIS 5 EXEMPLARES	ASSINATURA ANUAL R\$ 100,00 GANHE MAIS 10 EXEMPLARES
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------

A Revista da Terra e do Planeta Terra



COMO VAI SUA VIDA SEXUAL?

Tem vontade de inovar no sexo e não sabe como? Tem vontade de tirar dúvidas sobre sexo, mas sente vergonha ou não sabe com quem? No Insta do Sexo e Guloseimas, além de você aprender mais sobre sexo e sexualidade, ainda pode adquirir produtos e acessórios para intensificar o prazer de suas relações sexuais. Visite nosso perfil e venha ter uma vida sexual mais saudável e prazerosa com a gente!

Consultora: Adriana Sampaio

(Sobre)vivendo em tempos de pandemia

Amanda Cafezeiro

Iniciando com uma breve metáfora para aproximar o caro leitor do pensamento que aqui exponho, acredito que o atual momento atravessado pela humanidade possa ser sintetizado como uma forte reação do sistema imunológico da terra ao vírus humano. Me parece que a inteligência desse organismo vivo, que é o planeta, conseguiu finalmente nos isolar, retardando um pouco nossa ação nefasta sobre o mesmo.

Não trago uma visão confortável, porém creio que realista acerca do nosso *modus operandi* no planeta. Sendo mais leve, fomos colocados no cantinho do pensamento pela Super Nanny e é justamente aí que começa o problema... ou a solução.

Não estamos acostumados a parar! Como existir em isolamento? O que fazer das metas e prazos que não serão cumpridos? E se esse vírus chegar à minha casa e aos que amo? Como sobreviver sem poder trabalhar? São questões que parecem assombrar as pessoas, retirando-as da alienação do dia a dia, mas também intensificando angústias e ansiedades.

A pandemia do Covid-19 confronta o ser humano com sofrimentos ocasionados por seus medos mais arcaicos, sobre os quais Freud já falava em 1930, como a ameaça à decadência do próprio corpo, ou seja, com a constatação de que somos perecíveis, frágeis e podemos

morrer; a vulnerabilidade a forças externas destrutivas que podem se voltar contra nós a qualquer momento; e a possibilidade da perda de quem amamos, seja pela morte ou pela necessidade do distanciamento.

O isolamento nos obriga a fazer o oposto daquilo a que estamos habituados na correria frenética da vida: parar, pensar, refletir e autoanalisar-se, identificar as próprias angústias e mal-estares, sair da ação compulsiva, sem elaboração, sem alma, volta para atender demandas externas que geralmente ocultam as necessidades, sempre singulares, do indivíduo. Só que isso é desconfortável...

A crise com a qual nos confrontamos hoje, seja do ponto de vista da ameaça à vida, ao nosso sustento, seja do ponto de vista subjetivo e dos sintomas psicológicos que se apresentam, é o resultado de muitas crises não cuidadas e sem espaço de escuta em nossa cultura, traduzidas no que Thomas Moore denominou de "perda da alma". Por alma, aqui, entendemos aquilo que dá profundidade e sentido às experiências, por tanto, somos uma sociedade com muita produtividade e pouca alma.

Se neste momento tudo aquilo em que a cultura acreditava sobre a vida, sobre seus objetivos, sobre uma suposta segurança no amanhã cai por terra e o que se instala é o medo e a desconfiança, é natural

notarmos o desespero global por respostas rápidas e salvacionistas. Vemos as bem-intencionadas listas de tarefas para ocupar o dia, recomendações de como manter a produtividade na quarentena ou treinamentos a respeito de como vencer a crise financeira com super ideias que dependem só de você. Ou seja, queremos resolver o problema utilizando a mesma lógica que o gerou. Talvez uma visão menos idealista, mais humilde, que reconheça e abrace as fraquezas humanas, que dê espaço para o silêncio e o não saber, possa nos ajudar a ter um pouco mais de paz e aceitação diante dos acontecimentos do momento. Uma vida com alma pode nos ajudar a ter mais tolerância e menos medo diante daquilo que não podemos controlar, o que por si só já é um grande facilitador no enfrentamento de crises.

Por tanto, diante da angústia, da ansiedade e da tristeza do momento, que possamos exercitar a auto indagação: o que isto quer me dizer? Certamente abriremos a porta para uma grande revisão dos nossos valores e modo de estar na vida, não apenas buscando sobreviver ao momento, mas vivê-lo com tudo que o mesmo pode nos ensinar.

Psicóloga CRP 03/7628
Contato: (73)98832-0612
amandacafezeiro@hotmail.com
Instagram: @a_cafezeiro

Índice

- 04 - Urbanismo - Cidade mascarada, esconde sua cara
- 05 - Ficção x realidade - Uma previsão de Poe?
- 06 - Interior - Isolamento social e introspecção
- 07 - Crônica - Anacrônica
- 08 - Realidade - Pandemia
- 09 - Alternativa - Economia e Isolamento social, qual melhor decisão?
- 10 - Convite à leitura - Deus ama a Ciência
- 11 - Virtual - Estratégias de Marketing Digital em período de crise
- 12 - Ciência - Pesquisa da UESB - Campus de Jequié busca compostos químicos no tratamento contra o coronavírus
- 14 - História - Há um século o mundo vivia pandemia da gripe espanhola
- 16 - Relíquia - Santo Antônio do Rochedo
- 17 - Debate - O Corona Vírus é parte de uma guerra tecnológica global?
- 19 - Previsão - Tempo do quieta aí
- 20 - Estar em casa - Recolhimento... quietude... olhar para si: conversando com Simone de Beauvoir e A Moça Tecelã na Tenda da Lua
- 22 - Vida - (Sobre)vivendo em tempos de pandemia

EDITORIAL

Esta edição especial de abril 2020 é dedicada a informar e refletir sobre a quarentena em que o mundo vive decorrente da pandemia do coronavírus. Em decorrência da falta do papel reciclado devido à dificuldade de transporte, este número está sendo impresso em papel convencional. O jornalista Domingos Ailton entrevistou o professor doutor da UESB, Bruno Andrade, que discorreu sobre o projeto científico de parceria internacional que busca compostos químicos no tratamento contra o coronavírus. Domingos Ailton traz também dois curiosos textos: um sobre a previsão sertaneja do seu avô, que falava do "tempo do quieta aí, e outro a respeito da pandemia da febre espanhola, que ocorreu há um século, e representam em muito a realidade atual. A administradora Kelly Costa debate sobre o dilema que envolve governos e sociedade: economia e isolamento social; a psicanalista Ieda Sampaio reflete sobre isolamento social e introspecção, discutindo como o ser humano, que é tão voltado para o exterior se encontra em casa; a partir de uma perspectiva ecológica, a psicóloga Amanda Cafezeiro destaca que o atual momento atravessado pela humanidade possa ser sintetizado como uma forte reação do sistema imunológico da terra ao vírus humano e aponta aprendizados que podemos ter com o isolamento social; o jornalista e cartunista Carlos Éden reportar-se ao poeta, criminologista e escritor norte-americano, Edgar Allan Poe, que no conto "A Máscara da Morte Escarlata" escreve sobre uma epidemia medieval, a ficção antevendo a realidade ou a realidade

imitando a ficção?; a psicanalista Dalva Rebouças aponta a mudança de realidade cotidiana por conta da pandemia; a professora Adriana Abreu ressalta a importância da ciência neste momento de muitas dúvidas e convida para assistir ao filme **93 dias**; a terapeuta reikiana Elane Nardotto fala sobre recolhimento, quietude e olhar para si: conversando com Simone de Beauvoir e A Moça Tecelã na Tenda da Lua; o jornalista Valdeck Almeida de Jesus indaga: O Corona Vírus é parte de uma guerra tecnológica global? E discute sobre essa tese. O memorialista Charles Meira mostra uma relíquia da arte sacra: Santo Antônio de Rochedo, que olhai por nós neste momento tão difícil. O professor Raimundo Matos apresenta a cidade mascarada, que esconde sua cara; consultora de mídias sociais, Samara Barreto, dá dicas como em tempo de crise financeira, por conta da pandemia, podemos utilizar a ferramenta digital para obter bons resultados nos negócios; intitulada Anacrônica, o compositor, cantor e psicólogo Neuberger Kudera escreve uma crônica sobre o nosso dia a dia de vida em torno do coronavírus. Para homenagear Moraes Moreira, que deixou a vida terrena este mês, publicamos um dos seus cordéis, que é uma das suas últimas produções artísticas, cujo tema refere-se exatamente ao reflexo da pandemia e de outros fatos da realidade brasileira, e um texto do cantor Billaw, que mostra a dimensão deste que é maiores cantores da história da MPB. Boa leitura em casa.



A Revista Cotoxó é uma publicação da Cotoxó Comunicações e Consultoria - CNPJ 10.694.239/0001-62
Rua Cap. Silvino de Araújo, 515, Joaquim Romão - Jequié-BA, Cep 45201-060
Tel: 73 3046-5689 / 99116-7119 / 98826-4323 / 99855-4323
E-mail: fale@revistacotoxo.com.br / Site: www.revistacotoxo.com.br
Jornalista Responsável: Domingos Ailton Ribeiro de Carvalho - 346-BA
Editoração Eletrônica: Gráfica Silva (73) 3525-1731
Impressão: Gráfica Silva (73) 3525-1731

CIDADE MASCARADA, ESCONDA SUA CARA

Raimundo Lopes Matos*



A ciência é obedecida. A técnica é seguida. O protocolo é cumprido. O moderno e o pós-moderno se cruzam e se inter cruzam formando um aglomerado vertical, horizontal e diacronal labirínticos chamados de cidade, aqui, metonímia de mundo. Essa, com suas máscaras, abrigando todo o seu pluralismo, apresenta-se com suas tradições e contradições instantâneas e simultâneas vivendo uma atipicidade inusitada, vista como multifacetada, e sem, contudo, poder mostrar sua face. Daí, a expressão vocativa: Cidade mascarada, esconda sua cara.

A cidade escondida pelo viés da denotação. A cidade, aqui, mencionada por palavras usadas no seu sentido próprio, literal (não figurado) é caricatura e miniatura do mundo global. É, em outras palavras, a já conhecida *parte pelo todo*, a reiterada metonímia. A cidade é o mundo, e o mundo é a cidade. Ambos, interligados e imbricados; sempre foram expostos; ininterruptamente movimentados; permanentemente glamorosos; diuturnamente festivos; agora, porém, como se possível fosse, procuram se esconder como se não existissem. Querem sumir; não há mais glamour; a festa se finou por tempo indeterminado.

As pessoas, com medo do atual Covid-19, suspeitam umas das outras e de uma das outras não se aproximam. Perderam a beleza externa por causa das máscaras e a sensibilidade do toque por causa das luvas. Isto é real. É literal. É denotativo. A cidade assume o sumiço de seus cidadãos e de suas cidadãs que se trancafiam em suas mansões, bangalôs, casas, barracas, barracos, debaixo do viaduto, no banco da praça. Todos e todas obedecem o decreto viralizado como se fosse um vírus no ritmo de mantra: *Fique em casa. Fique em casa. Fique em casa...*

A cidade escondida pelo viés da conotação. O esconderijo é suposto; o esconder-se é faz de conta; o parar é agitar-se mais; o acalmar-se é enervar-se muito; o sumir é expor-se em pandemias mental, emocional e somática. Mas, a rigor, nada é visto como real, concreto. Tudo está no território da metáfora, no

domínio do conotativo, no espaço do simbólico.

Assim sendo, para entender-se o contexto por que passa esta segunda década do século 21, salvo melhor juízo, é necessário ultrapassar a barreira do senso comum; de uma interpretação de superfície e apressada; de uma cessão de receita e aplicação de remédios atabalhoadas; da ideia fortuita; de uma simples opinião; das excitantes aspirações políticas e ideológicas; e se munir de uma hermenêutica profunda e ampla com holofotes verticais e horizontais, a fim de que haja uma interpretação correta, imparcial, científica e técnica, num processo de regressão e progressão *ad infinitum*, para que a aplicação do remédio seja correta.

Desse modo, a imponderabilidade será ponderada. A imprevisibilidade será previsível. O glamour diminuirá sua aura e o ser humano viverá nos limites de sua humanidade finita e não mais na arrogância por se achar um demiurgo plenipotenciário.

A cidade escancara a cara conhecida, e não assumida. Sob os guarda-chuvas denotativo e conotativo, sob a plurissignificação das palavras, a cidade/mundo revela, desvela e mostra, em seus cidadãos e em suas cidadãs, tudo. E, no bojo desse tudo, mostram-se até a verdade e as coisas boas.

Afloram e se arvoram prepotências, parcialidades, injustiças, ganâncias, pretensões, conveniências, egoísmos, incoerências, invejas, ciúmes, inverdades, falsidades, traições, posturas antiéticas. E, neste mundo caótico, frenético e aparentemente à deriva, surgem, pela fresta da porta, tímidas e desconfiadas, sentindo-se corpos estranhos: a ética, a honestidade, a imparcialidade, a verdade, a justiça, a bondade, as coisas boas.

Os humanos dos "poderes" que dirigem a cidade pensando serem deuses e, portanto detentores da onipotência, onipresença e onisciência, percebem e demonstram que são tão somente humanos e, às vezes, menos que isso. Determinam prisão domiciliar para alguém que vive em situação de rua; decretos impe-

dem aglomeração de mais de 10 (dez) pessoas em regiões que casais têm mais de 20 (vinte) filhos; autoridades apregoam o isolamento social, restringindo as pessoas ao quadrilátero de suas choupanas, mas algumas dessas autoridades desfilam pelas ruas e passam feriado prolongado em áreas paradisíacas; médicos dizem que, qualquer doença diagnosticada no seu limiar é mais fácil a sua cura; em época de Covid-19, porém, a pessoa é orientada a ir ao hospital quando a doença já estiver em estágio avançado: depois da *tosse, da febre, do cansaço*. A última é a *falta de ar*. Aí, e só aí o (a) doente deve procurar o setor de saúde para tentar fazer o teste e descobrir que *gripezinha* insignificante é essa... A *s t r o s* da saúde tomam remédios em fase de testagem que, pelo que parece, ajudaram debelar a doença, mas negam o mesmo medicamento para infectados outros, como se tal remédio fosse de uso exclusivo de uma classe social. E o pior, há caso de demonstração de ódio por parte de quem parece haver usado o remédio e foi descoberto. Jornalistas da grande mídia insistem, diuturnamente, para que todos usem máscaras, luvas e ninguém saia de suas casas; eles (as), contudo, são vistos no mundo televisivo sem luvas, sem máscaras e há quem não para com a corrida básica no entorno do seu condomínio.

Este é o espaço urbano onde a provisoriedade se eternizou; onde a melhor teoria é a prática; as melhores e maiores invenções científicas são as bricolagens. O fim justifica o meio e os princípios chegam ao fim. Os valores se descredenciam, perdem a eficiência e a eficácia se esvai.

A Natureza, vítima de todo tipo de agressão, revoltada, reage em legítima defesa. Sua reação é proporcional às agressões sofridas: Tuberculose, Peste Negra, Variola, Sarampo, Aids, Gripe Espanhola, Russa, Asiática, de Hong Kong, Suína, Aviária, Covid-19...

Cidade global, repense o seu estar no mundo, ou, mascarada, esconda sua cara.

*Mestre e doutor Comunicação e Semiótica; pós-doutor em História Política da América Latina; advogado.

honrado pelos nossos ancestrais, uma vez que as mulheres carregam a Energia Criativa que religa com a fertilidade da Mãe Terra. Tradição perdida em outrora, mas um caminho sagrado que nos conecta conosco mesmas, despertando a nossa sabedoria, intuição e amorosidade por nós e por toda a humanidade, afinal geramos vida criativa de diferentes formas, se assim escolhermos. Naquele tempo, "as mulheres da Tribo têm [tinham] oportunidade de partilhar entre si as visões, os sonhos, as experiênci-

as e habilidades mútuas..." (p.167). Um momento de reabastecimento de energia através de um retiro. Nós, mulheres, agregamos atividades nas esferas pública e privada e pela "ausência de tempo" para nós, não nos percebemos em um momento tão importante. Não compreendemos que necessitamos de um recolhimento (pode ser por algumas horas, até mesmo antes de dormir) para conversar conosco mesmas e olhar carinhosamente para nossa natureza humana e sagrada...nossas luas!

Considerando as condições sociais, profissionais, pessoais e subjetivas de cada pessoa neste recolhimento ou isolamento social; ou mesmo não recolhimento, acredito que os livros citados trazem uma possibilidade de despertar para uma reflexão pertinente: a reinvenção é da condição humana e, normalmente, realizamos de forma inconsciente. Uma felicidade, talvez...nesse contexto...tomar consciência que reinventar é verbo que move nossa existência...todos os dias...



Recolhimento... quietude... olhar para si: conversando com Simone de Beauvoir e A Moça Tecelã na Tenda da Lua

Elane Nardotto



Se pararmos para imaginar que em pleno século XXI, num contexto em que a concepção de tempo implica estar a serviço da produtividade e qualquer “paradinha” contemplativa para nós e para o que está a nossa volta torna-se “perda de tempo”, tomamos uma rasteira! Rasteira do recolhimento, quando acordamos para um vírus (nomeado covid-19) que mata, também! Ficar em casa é a palavra de ordem, para todas as pessoas, independente da classe social e das condições para esse “estar em casa”, nem sempre fácil e possível para muitos! Daqui a alguns anos, alguém escreverá essa história, do mesmo modo que lemos, hoje, sobre a gripe espanhola que devastou o mundo na Primeira Guerra Mundial. Nesse recolher-me, recordei-me de três livros e o poder da palavra literária, da arte, da cultura, tão desprovidas de legitimidade no nosso frenesi de produzir, produzir e produzir...correr, correr e correr...e agora um enlevo para nossas almas apreensivas, em tempos de covid-19. Quem sentir desejo, convido para a leitura desses livros.

O primeiro livro, “A força da idade”, de Simone de Beauvoir, escrito quando a autora atravessou parte de sua vida numa França assolada e assombrada pela Segunda Guerra Mundial, onde a ameaça pela própria existência se torna a palavra de ordem para

quem estava acostumada a ter o mundo nas mãos... uma mulher livre e dona de suas itinerâncias! Descreve a sua felicidade como uma forma de apreender esse mundo que, na guerra, já não pode ser apreendido colocando a alegria de viver em xeque, a ponto de perder o seu sentido. No entanto, o mais interessante é que Beauvoir reinventa o estar feliz, mesmo sentindo repulsa e muita angústia pela violência escancarada do nazismo aos judeus e às pessoas que estavam na mira de um ditador enlouquecido por um projeto assassino. A reinvenção e a conquista da liberdade, logo a felicidade, era a sua busca diária...entre elas, sentir que as convenções burguesas iam “por água abaixo”, ter como perspectiva um projeto socialista para a nova ordem pós guerra, beber e conversar na “calada da noite”, longe do olhar dos soldados alemães; uma felicidade clandestina, nomeada pela autora. A festa era o tempo presente, haja vista que “um calmo de decurso de dias felizes não suscita festas: mas, no seio da desgraça, se a esperança renasce, se encontramos novamente uma possibilidade de influir no mundo e no tempo, recomeça então o instante a brilhar, podemos encerrar-nos e consumir-nos nele: é a festa” (p. 225). O recolhimento de Beauvoir, naquela França da década de 1940, foi preenchida por uma felicidade de viver numa certeza de que estar viva

pode e deve ser uma felicidade. Eis a reinvenção de um cotidiano marcado pela reclusa, medo e apreensão das incertezas geradas por uma guerra! Inclusive a reinvenção da condição de morrer, inerente a qualquer pessoa: “pouco mais tarde, acreditei ter feito a experiência da morte e saber que era exatamente nada. Deixei por uns tempos de temê-la e até de pensar nela” (p.255).

O segundo livro, a belíssima obra literária de Marina Colasanti, “A Moça Tecelã”. Narra a história de uma moça que tecia a sua vida e no tecer ia conectando-se com o seu ser, suas escolhas e sabia ser feliz, porque não se perdia de vista e acolhia o que a vida trazia, mesmo com dificuldades a serem enfrentadas. Quando acordo, sempre busco despertar essa tecelã em mim e tento seguir seu exemplo de não deixar que as linhas apenas teçam o mundo lá fora, mas que teçam as minhas narrativas...com a moça vou aprendendo a apreciar o sol, embora minha agenda esteja cheia de tarefas...vou tentando tecer o meu caminho e as minhas escolhas...

Por fim, “As cartas do caminho sagrado”, especificamente a carta “Tenda da Lua – Recolhimento”, espaço coletivo das mulheres para o seu descanso no período mensal que, conjuntamente, sintonizavam as mudanças ocorridas em seus corpos. Momento de afastamento das tarefas domésticas e

UMA PREVISÃO DE POE?

Por Carlos Eden Meira

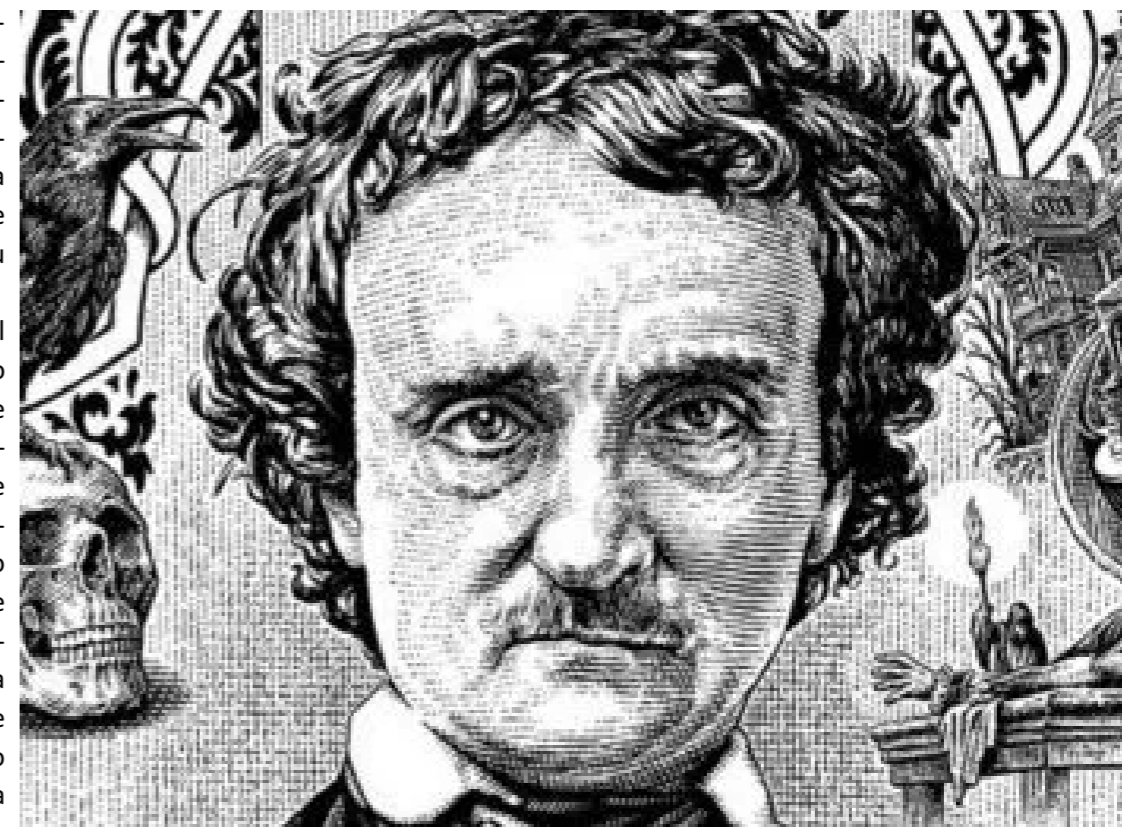
Dentre suas magistrais obras, o poeta, criminologista e escritor norte-americano, Edgar Allan Poe escreveu o conto “A Máscara da Morte Escarlate”, onde citava o horror de uma epidemia medieval que vinha matando milhares de pessoas na Europa. Neste conto, o autor relata a história de um nobre que estava promovendo um baile de máscaras em seu castelo, ordenando que todos os portões fossem fechados, e só fossem permitidas as presenças de seus nobres súditos, acreditando que assim, evitaria a entrada de alguns pobres doentes contaminados pela peste, que morriam às centenas do lado de fora das muralhas do castelo. À meia noite, um estranho mascarado usando um capuz foi descoberto dançando no meio dos convidados, que repentinamente começavam a passar mal, e acabavam morrendo fulminados, por uma insólita e fantasmagórica virulência da peste, ali representada. De nada adiantaram os rígidos sistemas de segurança impostos pelo nobre senhor, e a peste matou a todos.

Não é nada difícil comparar o desespero dos personagens de Poe e das modernas organizações mundiais de saúde de primeiro mundo, com a proliferação do coronavírus. Durante anos, já se sabia da virulência das epidemias na Ásia e no continente africano, como no caso do Ebola, mas ainda

pouco se sabe qual o meio eficaz para combatê-las. A África tem sido há séculos, um dos continentes mais explorados e maltratados do planeta, seu povo escravizado, e seus descendentes discriminados pelo mundo afora. Guerras internas, fome e miséria absoluta obrigam povos de vários países a emigrarem em busca de salvação em outras terras, legal ou ilegalmente. Raramente as portas do Primeiro Mundo lhes são abertas. Agora, com o coronavírus se espalhar, ameaçando todo o planeta, é que muitos países sentindo-se vulneráveis, podem querer intensificar ainda mais, sua discriminação aos refugiados.

No entanto, cientistas do mundo inteiro trabalham desesperadamente, em busca de uma vacina ou medicamento para combater o perigoso vírus, tentando inclusive, mantê-lo

fora dos “portais dos seus castelos”, mas o “encapuzado de máscara”, assim como no clássico conto de Edgar Allan Poe, acabou entrando na “fortaleza dos nobres”. Talvez ainda haja tempo para que a pandemia possa ser controlada, se houver uma união entre as nações que gastam milhões em suas caríssimas armas de guerra, convertendo o uso dessas fortunas em despesas para ajudar maciçamente os povos, em pesquisas científicas. Não somente na luta contra o coronavírus, mas, em campanhas sociais, educativas e desenvolvimentistas que possam modificar radicalmente essa triste realidade mundial, mormente a das regiões e países mais atrasados, onde as condições de higiene em favelas e comunidades pobres são extremamente precárias. Assim sendo, milhões de vidas poderão ser salvas.



Isolamento social e Introspecção

Psicanalista Ieda Sampaio



É fato que nos últimos tempos estávamos acostumados à vida para fora. As pessoas cuidavam com atenção do corpo físico, das suas roupas, da aparência exterior, de tudo o que desse conta do que estava do lado de lá. O que era visto e mostrado era o que importava, ainda que lá dentro do coração as coisas não estivessem tão bem. Era o triunfo do exibicionismo.

Aí vem o Coronavírus e, subitamente, somos orientados a ficar em nossa casa, a não receber visitas, a vivenciar isolamento social. Um distanciamento entre as pessoas para o qual não estávamos acostumados, tendo em vista que a própria alegre e festeira cultura brasileira já nos orientava para encontros e para exterioridades.

“Extimidades” é o novo termo que aparece. Rapidamente nos adequamos às redes sociais. Virou moda mostrar a rotina da sua própria vida para o outro. Julgamos, como num processo psíquico narcisista, que todos estivessem interessados a ver e saber o que comemos, a nos acompanhar em nossas viagens, a desfrutar de algum modo de nossas histórias pessoais e nas questões ligadas aos nossos relacionamentos. Mostrar-se e ostentar felicidade e beleza virou artigo muito comum, especialmente nas redes sociais.

Quase não tínhamos tempo para a introspecção. Até as músicas, com muito ritmo e letras rasas, davam

conta de que tínhamos que viver o tempo inteiro em festa, sorrindo, em atitude de quem é obrigado a muito mais do que ser feliz, parecer feliz.

Agora, por conta do vírus, precisamos nos voltar para dentro. E estar dentro de casa tem a ver com necessidade de introspecção. De voltar para si. De se ensimesmar um pouco. De rever o que se passa dentro. Para além de arrumar gavetas, elaborar novas ideias. Mais que limpar a casa e rever todos os cantos, passear pela sua própria história de vida e observar em que podemos evoluir, o que podemos manter, o que refazer, ajustar, renovar ou jogar fora.

Para muita gente, isso pode ser um processo extremamente ansiogênico, visto que nosso jeito de ser comunidade, especialmente no Brasil, é o jeito de quem quer se abraçar, se tocar, ser visto, ver o outro, pegar na mão, realizar o encontro social bastante alegre, intenso e íntimo.

Entretanto, há uma riqueza nesse processo de se isolar um pouco. Estar dentro, voltar-se para dentro, pode nos ajudar a ampliar nossa ideia sobre nós mesmos, cuidar com maior carinho de nosso crescimento pessoal, voltar a atenção para o que realmente importa - que é esse ambiente sagrado que habita dentro de nós. Quem sabe se isso, agora, não se torne um traço novo e importante em nossa cultura?

Voltar-se para a sua própria casa, ficar um pouco sozinho e/ou em famí-

lia, é o que temos agora. Se a gente souber tirar proveito disso, sairemos desse processo mais sábios, mais tolerantes e mais misericordiosos, talvez. Se a pessoa aprende a se gostar, a se tratar melhor e com menos cobrança, certamente se tornará mais amorosa e tolerante com o outro.

Rever sua própria história, recontar sua vida, visitar suas experiências, rever fotos antigas, ter um tempo a mais para prestar atenção a quem está ao lado. Esta, definitivamente, é uma oportunidade para todos nós.

Do ponto de vista interno – e não estou considerando aqui os inúmeros problemas que o isolamento social vem nos provocar, especialmente do ponto de vista econômico – haveremos, todos nós, de crescer. Sairemos diferentes do que entramos.

Desacelerar da correria, modificar nosso ritmo de vida, diminuir a urgência para o que é menos importante e dar atenção ao que de fato importa, faria/fará tão bem à nossa vida psíquica que talvez possamos assistir, em bem pouco tempo, um novo jeito cultural de ver, ser e viver, muito mais sensato e sabiamente.

Torço muito que isso ocorra. Ou, provavelmente, não teremos aprendido muito com essa chance que a natureza está nos dando de crescer.

Contatos:
(73) 99976-7560
iedasampaio@gmail.com
@psicanalista.ledaSampaio
@ieda.sampaio

Tempo do quieta aí

Domingos Ailton

Minha mãe, Helena Ribeiro de Novaes, é uma contadora de histórias. Puxei ela neste sentido, por isso minha produção literária em prosa é muito influenciada pela contação de histórias. Desde criança ouço ela contar uma narrativa de que meu avô materno, Iluminato Ribeiro de Novaes, dizia que chegaria o “tempo do quieta aí”. As pessoas, mesmo com dinheiro e com transporte disponível, não poderiam viajar, visitar os parentes e amigos e nem ir pagar promessa. Com certeza na sua profecia lembrava um dito tipicamente do povo catingueiro: “Boa romaria faz quem em suas casas fica em paz”. Chegou o tempo do “quieta aí”.

É provável que essa profecia, presente na memória coletiva de tradição oral de muitos de nossos sertanejos, foi pronunciada por volta do final dos anos de 1930 e início da década de 1940.

Acredito que nunca na história da humanidade o mundo passou por uma situação como essa. Epidemias e pandemias ocorrem em vários momentos na trajetória de homens e mulheres, em diferentes partes do planeta Terra, mas nunca com uma velocidade tão assustadora como esta do coronavírus. Observando os fatos que marcaram as eras e os períodos históricos, nunca se viu uma calamidade tão global em tão pouco tempo. Em menos de setenta e duas horas o vírus “voou” da China para o Japão, Taiwan, Tailândia, EUA, Arábia Saudita, Vietnã, Itália, Espanha, França, Cingapura, Estados Unidos e Brasil dentre outros países. Uma pandemia dessa magnitude jamais vista pelos cientistas.

Os vírus avançam cada vez com maior potência em suas mutações

genéticas, o que impede que sejam definitivamente exterminados. O coronavírus, em si, não é novo (já causou a epidemia de SARS que em 2002 matou quase mil pessoas). Nova é a atual cepa, isto é, um grupo de descendentes com um ancestral comum que compartilham semelhanças morfológicas ou fisiológicas. Por exemplo, o H1N1 é uma estirpe ou cepa do vírus da gripe que ficou famosa por causar sintomas mais fortes. A “gripe espanhola” foi uma mutação do H1N1, e dizimou entre 1918 e 1920, há 100 anos, cerca de 40 milhões de pessoas (trinta e cinco mil no Brasil, entre elas o presidente Rodrigues Alves), cinco vezes mais do que as mortes ocorridas na Primeira Guerra Mundial.

O problema maior ainda é que as pessoas hoje, um século depois da “gripe espanhola”, movimentam muito mais em decorrência da disponibilidade e da velocidade dos transportes e do crescimento das cidades. Além disso, o coronavírus é transmitido pelo ar, pelo toque ou por objetos contaminados, o que torna o vírus invisível e assustador.

Diante dessa situação governantes sensatos tanto no Brasil quan-

to em várias partes do mundo (apesar de ter um presidente irresponsável no País que chega a fazer deboche com a doença) decretaram proibições que levam as pessoas ao “tempo do quieta aí”, uma vez que retiram o transporte de ônibus de uma cidade para outra, cancelam voos, fecham o comércio e o acesso as praias, rios e cachoeiras. As pessoas são aconselhadas a ficar em casa.

Há pessoas que podem ficar em casa tranquilamente porque têm salário para pagar as despesas, mas outras que dependem do trabalho cotidiano para comer. É o caso de muitos vendedores ambulantes.

Os governos, as empresas e as pessoas com maior poder aquisitivo precisam desenvolver mecanismos de apoio para que essas pessoas sobrevivam. Elas têm que ser assistidas nos cuidados médicos, mas também na assistência social. Não podemos deixar esses irmãos e irmãs morrerem à mingua nem do vírus e nem de fome.

O tempo do “quieta aí” deve ser também um tempo de solidariedade humana.

Fonte: www.istoé.com.br



pense.

Você já ouviu falar sobre as mortes por atropelamento no Brasil? Em 2017 foram 35 mil e trezentas pessoas, segundo dados oficiais publicados pela Folha de São Paulo.

Em uma rápida consulta a sites do governo, institutos de pesquisa, universidades e ongs voltadas à proteção da vida e à prevenção de doenças, pode-se colher dados estarrecedores sobre o abandono da nossa população em relação a alimentação, habitação, segurança pública, saúde, acesso a educação etc. No entanto, na mídia e nas redes sociais isso não repercute. Por que será? Talvez seja porque nada disso atinja a classe média ou países ditos desenvolvidos. Será que a vida, o direito ao bem estar seja apenas para uma parcela da população?

Muitas outras questões podem e devem ser levantadas, e deixo a

cargo de todos realizarem estas pesquisas e pressionarem os meios necessários para buscar soluções para esse cenário de exclusão.

Gostaria de levantar mais uma hipótese. A venda de tecnologia para controlar as pessoas no mundo inteiro. Estamos vivendo momentos de controle tecnológico, rastreamento por satélite, reconhecimento facial e outros. Em relação a pessoas suspeitas de contaminação pelo vírus, o governo americano deseja quebrar a privacidade dos cidadãos através da localização geográfica dos celulares.

Empresas chinesas e de outros países desenvolvem equipamento para reconhecimento facial que já são usados, inclusive, no acesso aos circuitos de carnaval em Salvador, em metrô e aeroportos do Brasil inteiro. O lado bom é a captura de fugitivos e procurados pela polícia. O lado negativo: sob a desculpa de aumentar a

segurança, todos os indivíduos podem ser monitorados, terem seus passos rastreados, sua vida privada devassada. E não se sabe como esses dados serão utilizados e qual a segurança de essas informações pessoais não escaparem da esfera governamental e caírem nas mãos de quem quer que seja.

O que isso tem a ver com a Pandemia Global? Espero que nada. Mas não acredito que o investimento em tanta tecnologia e em um discurso de medo seja apenas por boa intenção. Já existe possibilidade e uso de informações para controle de aglomerado de pessoas em países asiáticos e o Brasil já vai entrar no jogo em duas semanas, conforme já se pode ler nos sites de notícias.

Valdeck Almeida de Jesus. Poeta, Jornalista e um cidadão desconfiado das boas intenções governamentais.

Quarentena

Moraes Moreira

Eu temo o coronavirus
E zelo por minha vida
Mas tenho medo de tiros
Também de bala perdida,
A nossa fé é vacina
O professor que me ensina
Será minha própria lida

Assombra-me a pandemia
Que agora domina o mundo
Mas tenho uma garantia
Não sou nenhum vagabundo,
Porque todo cidadão
Merece mas atenção
O sentimento é profundo

Eu não queria essa praga
Que não é mais do Egito
Não quero que ela traga
O mal que sempre eu evito,
Os males não são eternos
Pois os recursos modernos
Estão aí, acredito

De quem será esse lucro
Ou mesmo a teoria?
Detesto falar de estupro
Eu gosto é de poesia,
Mas creio na consciência
E digo não a todo dia

Eu tenho medo do excesso
Que seja em qualquer sentido
Mas também do retrocesso
Que por aí escondido,
As vezes é o que notamos
Passar o que já passamos
Jamais será esquecido

Até aceito a polícia
Mas quando muda de letra
E se transforma em milícia
Odeio essa mutreta,
Pra combater o que alarma
Só tenho mesmo uma arma
Que é a minha caneta

Com tanta coisa inda cismo....
Estão na ordem do dia
Eu digo não ao machismo
Também a misoginia,
Tem outros que eu não aceito
É o tal do preconceito
E as sombras da hipocrisia

As coisas já forem postas
Mas prevalecem os relés
Queremos sim ter respostas
Sobre as nossas Marielles,
Em meio a um mundo efêmero
Não é só questão de gênero
Nem de homens ou mulheres

O que vale é o ser humano
E sua dignidade
Vivemos num mundo insano
Queremos mais liberdade,
Pra que tudo isso mude
Certeza, ninguém se ilude
Não tem tempo, nem idade

Escrito no dia 18 de março de 2020

ANACRÔNICA

Neuberá Kudera

Eu sei, as cidades desaparecem feito sopro de bomba atômica. Pessoas somem, as coisas se acabam, mas o sentimento acerca delas perdura, pois, na verdade tudo se desfaz apenas e quando passam a não ter mais importância/sentido. E inventa-se a “saudade móvel” (em rede social ou ligação), que não repõem em nada, nem hoje, nem nunca, um encontro, um olhar, as fagulhas e a imensidão. Fotos fazem lembrar, músicas animam e as possibilidades aquecem, mas só o tempo des-

configura e remodela novos retalhos. E é tudo o que temos e contemplo, mas são outros tempos, desses para deflorar, desmanchar e novamente desaparecer. Num colapso, num lapso de memória alguns podem nem resistir, até persistem enquanto não se completa/fecha a colcha/concha. Virão outras criaturas e caberão todas elas em seus devidos percalços. “Tende calma”, dizem. “Tudo tem seu tempo e espaço”, respondem. Agora, ansiedade? Essa ninguém sabe ou confronta, por que faz parte das entre-

linhas do eterno tempo por vir. Parece até fácil depois que passa, feito improviso que se torna o aprendido e nem sempre serve em outras etapas. Subsídios, artifícios e as cidades se erguem ante abraços de novos amigos. E agora é consequência. Mais um rumo, um pulso em cadência, pra poder ouvir de novo, no outro, o som da esperança primeira.

“Partidas não são só lenços, saudades não são soluções, nem solução pra espera”

Novos Moraes!

“Mas, para que nasçam ‘Novos Moraes’, é preciso que as emissoras de rádio e televisão se desprendam da mesmíssima mediocridade e cafonice impregnada em suas programações...”

#moraesmoreira
#cultura
#musicapopularbrasileira

Moraes transitou com maestria por todos os ritmos musicais. Seja compondo sozinho ou com um séquito variado de parceiros, o baiano de Ituaçu deu brilho e vida aos incontáveis, frevos, baiões, xotes, galopes, baladas, sambas, choros, ijexás, rocks, salsas, rumbas, fados, reggaes, funks, entre outros, que nos presenteou durante toda a sua trajetória. Além de cantor, compositor e violonista de mão cheia, o flamenguista também (e tão bem) flertou com as palavras e, em forma de poesia, prosa e cordel nos apresentou seus sonhos elétricos mostrando que

não precisa ter idade para ser poeta.

Ao lado de Galvão, Pepeu, Baby, Paulinho e mais um time de músicos da pesada ajudou a escrever um dos mais belos e interessantes capítulos da nossa música popular brasileira ao formar os Novos Baianos. O grupo, influência e referência de gerações de sons, soube bem fundir a bossa/samba/rock e o Rio/Bahia/Brasil.

Em carreira solo, foi ascendente e brilhante. Emplacou sucesso atrás de sucesso em novelas, estações de rádio e programas de auditório na televisão. Em suma e sem redundância, Moraes marcou época e foi a trilha sonora de uma geração.

Não ignorando e nem desconcertando as redes sociais e as plataformas digitais, a qual vem ditando às regras do mercado artístico nos dias atuais, estranho conceber que outros Tons, Tins, Bens e tais possam surgir de uma invenção pré-estabelecida e desgastada como os programas de reality show existentes na área musical, tampouco, a base de views, likes e lives em streaming. Se não houver sintonia que reverbere, divulgue e estimule o grito de guerra essa coisa

acesa não flui.

Mas, para que nasçam 'Novos Moraes', é preciso que, as emissoras de rádio e televisão se desprendam da mesmíssima mediocridade e cafonice impregnada em suas programações, ora determinada pelo modismo nefasto vicioso, ora pela indução perversa e conveniente impostada pelos diretores, programadores, comunicadores, apresentadores e donos dos veículos de transmissão, visando apenas os interesses pessoais, comerciais e anti-culturais.

Se não podemos voltar ao tempo, onde esses meios de comunicação outrora foram de relevância em carreiras musicais, que experimentam dosar bom senso e consenso de uma forma mais democrática em consonância de uma concessão pública ou de um canal privado, nos empurrando visão a fundo, tímpanos a dentro e goela a baixo uma nova sonoridade de bom gosto com letras, músicas e artistas de verdade.

Jequié, 14 de abril de 2020
Wenceslau Junior (Billa)

Pandemia



Dalva Rebouças*

A minha geração não enfrentou pandemia igual a essa do Novo Corona Vírus.

De uma hora para outra nos vimos obrigados a nos afastar daqueles que amamos, abrigar-nos em casa, intensificar o asseio com o nosso corpo e nossa casa.

O comércio parou!

O trânsito reduziu drasticamente seu movimento!

As escolas fecharam suas portas!

As famílias de repente se encontraram dentro de casa, as mães tiveram que cuidar mais de seus filhos, os pais inventaram mais diversões, os avós se recolheram ao isolamento quase total; muitos não estranharam por já se sentirem afastados dos filhos e netos, dado a correria e da labuta diária pela sobrevivência.

Muitos entraram em pânico, sem saber o que fazer nem o que viria amanhã. Apesar de nunca sabermos sobre o que virá. A incerteza que esse vírus trouxe, abalou a crença, a fé e a esperança, mas também aguçou a necessidade de orar pela misericórdia.

Médicos, enfermeiros, técnicos e equipe de suporte nos hospitais e clínicas se uniram intensamente para promover o socorro e a profilaxia do Covid 19.

Nesses dias inseguros, podemos refletir o quanto precisamos uns dos outros. Como é importante cuidar de nós mesmos em detrimento do cuidado com o outro.

Há quem diga que toda essa desgraça servirá para que nos tornemos pessoas melhores. Tenho minhas

dúvidas.

Nossa memória é curta. Nosso ego é sempre muito bem alimentado para nos sentirmos “o ultimo biscoito do pacote”, como diz o ditado popular. Logo, quando tudo voltar ao normal, entraremos na corrida frenética pelo poder, pela competição.

Ao longo dos tempos, aprendemos a arte de conquistar, de adquirir, de competir e de vencer, sem muitas vezes, nos darmos conta de que a vida é passageira, de que não devemos Ter, mas Ser!

Ser melhor, ser mais grato, ser mais complacente, mais compreensivo, mais generoso com o nosso semelhante.

Hoje, enquanto escrevo, é sexta-feira da Paixão, dia em que muitos ficam contritos no sofrimento de Cristo e se lembram de desejar uma boa Semana Santa. Oxalá fosse esse desejo, carregado de sinceridade!

Posso parecer negativa, mas não sou. Prefiro ser considerada realista. Sei que existe pessoas de boa índole,

de boa intenção, por isso não generalizo.

Acredito que não alcançarei a transformação humana por mais empatia, mais solidariedade, menos competitividade. Sem necessariamente, se submeter a catástrofes como essa causada pelo Corona Vírus!

O homem necessita urgentemente de autoconhecimento para compreender seu real sentido no ciclo da vida. Não temer tanto a perda e a morte.

A psicanálise promove com suas técnicas, a autocompreensão e a transformação do indivíduo, levando-o a uma visão cristalina do sentido da sua existência e fortalecendo-o no enfrentamento das dificuldades e angustias a que todos nós estamos sujeitos, sempre.

Jequié-BA, 10.04.2020

Dalva Rebouças
Psicanalista Clínica
(73) 988474143



O Corona Vírus é parte de uma guerra tecnológica global?

Valdeck Almeida de Jesus

As estatísticas de mortes, fechamento de fronteiras, comércio, transporte paralisado, quarentena etc, tudo isso você já sabe, pois a mídia está fazendo a parte dela, as redes sociais estão nos atolando de memes, notícias, fake news, piadas. Seus amigos do ZAP, Instagram, Facebook e outros aplicativos te enviam centenas de novas "novidades" por minuto... nem dá tempo de abrir, quiçá de ler e compreender cada uma delas. Substituíram

os banners de "bom dia" automáticos por vídeos, fotos, textos curtos, teses de doutorado, matérias de jornais...

Mas, o que pode o Corona Vírus? E por que essa repercussão? Será que o discurso é, realmente, o de saúde pública, de preocupação com a vida? Ou teriam outros interesses em fazer tanta cobertura jornalística para vender algum produto ou serviço depois? Seria para testar a capacidade dos países em se protegerem de alguma guerra, invasão, combate, concorrên-

cia?

Bem, tenho algumas suspeitas sobre o tratamento que a mídia hegemônica tem dado a esse assunto. Será que é porque as mortes começaram em um país que é uma potência mundial? Será que é porque atingiu países da Europa e as classes média e alta primeiro? Se esta pandemia se iniciasse em comunidades pobres, matasse 65 mil jovens somente em 2017, teríamos essa articulação toda para proteger a vida? Confira os dados abaixo e



Santo Antônio do Rochedo

A caminhada de Charles Meira com sua mãe Maria Letícia naquele dia foi para a casa de Regina Maria. Durante a conversa familiar ficou sabendo que sua prima guardava naquele local uma relíquia. Regina possui e guarda com muito zelo uma imagem centenária de Santo Antônio que ganhou de sua mãe Laura Angélica da Silva. A imagem pertenceu a seus familiares e ficava na capela da Fazenda Rochedo, patrimônio situado próximo de Porto Alegre – Distrito de Maracás – BA, época que seu bisavô José Marques da Silva (Zezinho dos

Laços) foi emboscado e morto em 26 de outubro de 1911, próximo da localidade. Em seguida, Florinda Meira e Silva, esposa de Randulfo Marques da Silva, filho de Zezinho dos Laços, herdou e levou a imagem depois da morte de sua mãe e do seu casamento para a residência deles em Porto Alegre. Na localidade as pessoas tinham muita fé no Santo Antônio do Rochedo, pois quando perdiam alguns objetos, pediam para a senhora Florinda orar e segundo informações de sua filha Eulália Meira, ia dormir e através de sonho ela ficava sabendo e no outro dia infor-

mava onde eles estavam. Também na época do Natal, o filho que fica no colo do santo era colocado no presépio, dia 31 de dezembro ficavam acordados para levantá-lo e no dia 06 de janeiro, grupos de Ternos Reis cantavam para homenagear o menino.

Desde que Regina foi presenteadada, a imagem esteve apenas na cidade de Mirante – BA á pedido de sua parenta Lúcia Meira.

Este relato foi conseguido com muita dificuldade, pois minha prima é muito tímida, não gosta de tirar fotos e ser entrevistada.



Economia e Isolamento social, qual melhor decisão?

Kelly Vieira Costa Santos



nós, principalmente a quem amamos.

É complexo, e com isso surge uma dúvida muito grande e preocupante. Adotaremos a medida de isolamento social, para privarmos as vidas? Ou manteremos a recessão econômica e corremos o risco de uma queda brusca na economia? Onde empresas serão fechadas, pessoas serão desempregadas e a fome aumentará absurdamente.

Bom, tenhamos calma, vamos analisar, a matemática e a ciência tem nos mostrado que o isolamento social é o melhor cenário no momento, pois este é um vírus ainda desconhecido e não haverá economia se não houver vidas. Não podemos negar que a crise chegou para todos e também não podemos fugir, mas acreditamos que sempre há uma solução. E a forma mais conveniente de vencermos essa crise é apoiarmos uns aos outros através da fraternidade e amorosidade respeitando as orientações passadas pelos profissionais da saúde. Não existe receita, não estamos tratando de uma queda de braço, estamos tratando de vidas, a economia também tem seu grande valor para sobrevivência de um povo.

Um grande líder espiritual, Chico Xavier, certa vez disse: “E guardemos a certeza pelas próprias dificuldades já superadas que não há mal que dure para sempre”.

Sobre o autor: Kelly Vieira Costa Santos é Administradora e pedagoga, especialista em Metodologia do Ensino Superior e Gestão Pública.

Estamos vivendo tempos difíceis por todo mundo. Medidas drásticas estão sendo tomadas para enfrentar esse problema que afeta todas as nações. O crescimento desesperador do vírus Covid-19 tem deixado um cenário de medo, a notícia da televisão tem se igualado a um filme de terror. Noticiários do mundo inteiro têm chegado em nossas casas através dos canais abertos de televisão e os números de contaminados tem crescido assustadoramente. No entanto, os mesmos noticiários dificilmente informam os estudos sobre o desenvolvimento da cura e os números de curados, levando sempre o caos a toda população.

As pessoas estão com medo e tem compartilhado esse sentimento umas com as outras, assim também como existem pessoas que estão dispostas e adotando medidas para superar essas questões, que tem abalado a

saúde mental de boa parte da população. Para alguns o isolamento social tem sido uma medida exagerada, porém é à medida que tem evitado da doença se proliferar.

Alguns defendem a economia com unhas e dentes enquanto outros defendem a vida. A opinião de muitos é a também conhecida nas redes sociais é a “Fique em casa”, no momento é tudo que podemos fazer para evitar o contágio que afeta a população, sobretudo os idosos e aqueles que já tenham determinadas patologias, podendo se agravar ao ser contaminado.

Não existem medidas que não recebam críticas. É necessário que a sociedade reflita nas próprias ações. Contudo, podemos chegar à o bom senso. Realmente a situação é assustadora, o Brasil está enfrentando um inimigo que bate a todas as portas, podendo chegar a qualquer um de

DEUS AMA A CIÊNCIA

Adriana Maria de Abreu Barbosa



O convite do mês de abril é para assistir ao filme **93 dias**, um filme de suspense nigeriano de 2016 dirigido e coproduzido por Steve Gukas. Baseado em fatos reais a trama relata o trabalho da Dra. Ameyo Adadevoh, médica nigeriana, responsável por ter coibido uma disseminação mais ampla do vírus Ebola na Nigéria, colocando o paciente zero, Patrick Sawyer, em quarentena, apesar das pressões do governo.

O filme mostra o trabalho incansável da doutora e sua equipe (médicos, enfermeiros e técnicos) frente ao que na época era tão desconhecido na literatura médica de Lagos como parece ser hoje o covid19 para o mundo. Frente ao desconhecido a medicina e a ciência armam-se para o combate, muitas vezes, os envolvidos descuidam-se da própria vida e fazem valer o juramento de formatura. Foi o que ocorreu com a Dra. Adadevoh que infelizmente protegeu a Nigéria mas não resistiu e morreu.

Em 2020, no Brasil, a eleição de um governo de direita trouxe à tona uma avalanche de preconceitos e retrocessos que atingem diferentes áreas do conhecimento, mas, sobretudo, assistimos um ataque violento ao saber científico e consequentemente aos cientistas. Em pleno cenário de pandemia do corona vírus pelo mundo, o presidente do Brasil com o apoio de um segmento de seitas religiosas convida à população a não ouvir as pesquisas científicas sobre o vírus, não atender as recomendações do Ministro da saúde e nem da OMS. O presidente usa de conversa mole e ignorância que já lhe são característicos e alguns religiosos usam o nome de Deus em vão.

À revelia do surgimento de anacronismos como medo de vacina, a ciência não pode parar e não para. Diariamente recebemos notícias de pesquisadores e médicos ao redor do mundo à busca de maior conhecimento sobre o vírus para que possam detê-lo. A história nos dá esperança, afinal quantos males já foram derrotados pelo conhecimento científico?

E mesmo os que reconhecem o valor da medicina preventiva chamada alternativa (porém ancestral) que seriam os segmentos da fitoterapia, homeopatia, acupuntura, sabem que para algumas doenças só há sobrevivência ou cura com a intervenção de medicamentos e procedimentos invasivos da medicina tradicional. Eu particularmente sou grata à excelência da cardiologia brasileira. Acompanhei por 22 anos um pai cardiopata entrar e sair de UTIS e ter a vida renovada por esses procedimentos nas mãos de equipes médicas competentes e não só na rede privada como na rede pública, como foi o caso da cirurgia de ponte de safena realizada no Hospital Pedro Ernesto, hospital escola da UERJ, no Rio de Janeiro nos idos



de 1993.

Sim: **Deus ama a ciência**. Qualquer religioso que não entenda isso e veja na medicina um opositor não sabe falar com Deus ou não escuta bem quando ora. A atitude da Dra. Adadevoh na Nigéria, a atitude diária dos médicos, enfermeiros e técnicos da saúde que estão hoje enfrentando o desconhecido covid 19 nos hospitais por todo o mundo é a maior prova do divino em ação.

E parece mesmo ironia do destino, ao menos no caso do Brasil, desde que o presidente eleito tomou o poder a ciência sofreu ataques diários, e agora estamos na mão dela. Rezem diariamente pela iluminação das mentes brilhantes dos pesquisadores, cientistas e médicos pois será dessas mentes que virá se não a vacina, ainda, mas em breve, ao menos o lenitivo.

Não é preciso matar Deus para acreditar na Ciência. Mas a recíproca também é verdadeira.

*Carioca, feminista e professora de Literatura da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Pandemia de la "gripe española" 1918. Murieron 50 millones entre enero de 1918 y diciembre de 1920. En todo el mundo fueron infectados 500 millones. La población mundial en el 1918 era de 1,600 millones. Aunque se le llamó "gripe española" ésta se originó en Francia y hasta se dijo que soldados norteamericanos habían llegado con ella a Europa.



cia sai às ruas capturando os homens mais robustos, que são forçados a abrir covas e sepultar os cadáveres. Os mortos são tantos que não há caixões suficientes, os corpos são despejados em valas coletivas e o trabalho se estende pela madrugada adentro.

Em todo o Brasil, os hospitais estão abarrotados. As escolas mandaram os alunos para casa. Os bondes tráfegam quase vazios. Das alfaiatarias às quitandas, das lojas de tecido às barbearias, o comércio todo baixou as portas — à exceção das farmácias, onde os fregueses disputam a tapa pilulas e tônicos que prometem curar

as vítimas da doença mortal. — Nos subúrbios do Rio de Janeiro, as ruas ficam cheias de cadáveres porque as famílias ficam com medo de serem infectadas pelos mortos dentro de casa. Além disso, a medida facilita o trabalho de remoção das carroças da limpeza pública - explica a médica e historiadora Dilene do Nascimento, da Casa de Oswaldo Cruz.

Caipirinha

Na cidade de São Paulo, a população em peso recorre a um **remédio caseiro: cachaça com limão e mel**. Em consequência, o preço do limão dispa-

ra, e a fruta some das mercearias. De acordo com o Instituto Brasileiro da Cachaça, foi dessa receita supostamente terapêutica que nasceu a caipirinha. Coincidência ou não, uma das peças de maior sucesso em São Paulo em 1918 se chama **A Caipirinha**.

A seguir veja notícias de jornais, panfletos e imagens de um século atrás, que com exceção das vestes e da arquitetura da época, assemelham em muito aos dias atuais.

Fonte: www.pfharma.com.br
g1.globo.com
www.jornalfato.com.br

HÁ 102 ANOS

A influenza hespanhola

CONSELHOS AO POVO

(Da Inspectoria de Hygiene)

EVITAR aglomerações, principalmente á noite.
NÃO fazer visitas.
TOMAR cuidados hygienicos com o nariz e a garganta.
Inhalações de vaselina mentholada, gargarejos com agua sal, com agua iodada, com acido citrico, tannino e infusões contendo tannino, como folhas de goiabeira e outras.
TOMAR, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigrammas por dia, e de preferencia no momento das refeições.
EVITAR toda fadiga ou excesso physico.

O DOENTE, aos primeiros symptoms, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contagio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita.

EVITAR as causas de reafriamento, é de necessidade tanto para os sãos, como para os doentes e os convalescentes.

A'S PESSOAS EDOSAS devem applicar-se com mais rigor ainda todos esses cuidados.

1720- la gran plaga de Marsella
1820- pandemia de cólera
1920- la gripe española
2020- coronavirus
una pandemia cada cien años 😊



Amigos no pueden ser tan inocentes de lo que en realidad está pasando. Se llama nuevo orden mundial. reducen la población mundial. Pasa cada 100 años.

Há um século o mundo vivia pandemia da gripe espanhola

Doença matou o presidente da República do Brasil

Domingos Ailton

Há cem anos atrás uma outra pandemia generalizada também assombrou o mundo. Não era uma época fácil, principalmente no continente europeu onde a primeira grande guerra já contabilizava o seu quarto ano. Em decorrência do clima de guerra, de fome, de doença, de frio e de falta de condições generalizada mostrou ser um ambiente propício ao alastramento da gripe pneumônica, mais conhecida por gripe espanhola. Os seus danos foram de tal ordem que o surto matou mais gente do que os quatro anos de guerra. O grau de contágio era tão avassalador que os últimos estudos apontam que uma em cada três pessoas foi infetada. Seguindo a demografia da época isso contabilizaria cerca de 500 milhões de pessoas. Morreram cerca de 50 milhões de pessoas, o que representou um percentual de 5% da população mundial.

Quarentenas, comércio e escolas fechadas para salvar as pessoas do ataque de um vírus mortal: o mundo já

viveu tudo isso intensamente, 102 anos atrás, durante a gripe espanhola.

Curiosamente esta gripe atacava os mais jovens e saudáveis, os mais velhos pareciam escapar sem que se conhecesse a causa. Demograficamente este fator era catastrófico. A população jovem é a força braçal, é o condimento necessário à criação das novas gerações e o mundo estava a perder parte dela.

O vírus da gripe espanhola era um subtipo de outro que hoje conhecemos bem, o Influenza A / H1N1. Naquela época, se viu pela primeira vez que a gripe poderia causar uma catástrofe. Estima-se que, em poucos meses, cerca de 35 mil pessoas morreram no Brasil - entre eles, o presidente da República da época, Rodrigues Alves, que tinha acabado de ser reeleito e morreu antes de tomar posse. O Rio de Janeiro, a capital do país, parou completamente.

O cenário era de filme de terror: Como os coveiros, em grande parte, estão acamados ou morreram, a polí-



Estratégias de Marketing Digital em período de crise

Samara Barreto

A crise gerada pela pandemia do COVID-19 trouxe impacto em diversos mercados e segmentos diferentes. Em meio a tantas mudanças você empreendedor precisa criar ações para minimizar o impacto nos próximos meses.

A Presença Digital é essencial neste momento. Quero trazer nesse artigo exemplos práticos de Marketing Digital focando nas ações online para serem implementadas na crise e manter bons resultados em seus negócios.

Como Construir uma Presença Digital

Os canais digitais podem manter as atividades do comércio ativas mesmo com as portas fechadas! Utilizando a Internet através de Sites e Redes Sociais os processos de relacionamento e venda podem ser realizados.

O web site é uma das ferramentas de Marketing Digital mais seguras. Afinal o conteúdo publicado é seu e ao contrário das Redes Sociais, raramente poderá sair do ar. Com um site você garante seu espaço exclusivo na Web, independente se seu empreendimento é pequeno ou grande, é sua presença na Internet. É um canal para você compartilhar conteúdo e uma verdadeira máquina de vendas.

Já as Redes Sociais tem um engajamento muito grande nas vendas, porém não coloque toda sua estratégia de vendas em algo que você não paga por isso. O WhatsApp por exemplo em plena campanha da Black Fri-

day de 2019 parou 1 dia. Imagine os prejuízos para quem utilizar essa rede social como única ferramenta de negócios.

Como criar perfil nas principais Redes Sociais

1. Crie um perfil personalizado. Na biografia do Instagram ou Facebook escreva o nome da empresa, Endereço, Telefone e E-mail. No Link da Bio do Instagram utilize o link para pedidos pelo WhatsApp do seu negócio.

2. Foto e Capa. No Facebook publique na CAPA informações de contato da sua loja (endereço físico e WhatsApp). Publique na FOTO do perfil do Facebook e Instagram a logomarca de sua loja.

3. Conteúdo todo dia! Publique uma vez por dia conteúdo no Feed do Facebook e Instagram, fotos da estrutura da empresa, frases de bom dia ou datas comemorativas, e fotos do produto. Crie conteúdo sobre os benefícios do seu produto, faça vídeos e fotos dos bastidores da sua empresa, das

ações com seus colaboradores no stories.

E por fim, enfatize o Delivery.

As entregas em casa no setor alimentício por exemplo tem se tornado a melhor opção para os empreendedores do ramo. Publique todos os dias no feed ou stories banners com informações de que você faz entregas, frases como "LEVAMOS ATÉ VOCÊ" podem ajudar na venda on line. O uso de cupom de desconto para reforçar a estratégia de venda online pelo delivery tem um excelente resultado.

E lembre-se no Digital a venda não é direta. No Digital é conversar, é ajudar, é se relacionar com seu cliente em comentários e directs e a VENDA?! Ela é consequência. Marque sua Presença Digital e bons negócios.

Juntos vamos vencer e sair dessa crise! Acesse meu Instagram sobre Marketing Digital para Negócios Locais: <https://www.instagram.com/samarabarreto.mktdigital/> Samara Barreto. Consultora de Mídias Sociais



Pesquisa da UESB - Campus de Jequié busca compostos químicos no tratamento contra o coronavírus

Domingos Ailton



Professor Bruno Andrade

Cientistas em várias partes do mundo estão buscando através de suas pesquisas soluções no combate ao coronavírus. Esses estudos têm ocorrido principalmente nas universidades públicas. No Campus de Jequié da UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia pesquisadores estão realizando um estudo inédito nas áreas de Bioinformática, Química Computacional e Virologia com o objetivo de encontrar novas moléculas de fontes naturais que possam ser usadas como candidatas a novas drogas contra o Coronavírus (SARS-CoV2).

Professor Bruno Andrade, do Departamento de Ciências Biológicas (DCB), coordena o estudo utilizando um banco de dados computacional com 50.000 moléculas de fontes naturais. A equipe de estudo reúne pesquisadores de outras universidades brasileiras e do exterior.

Os cientistas descobriram, por meio de computador, com uma técnica de comparação de drogas antivirais já conhecidas (a Hidroxicloroquina e o Remdesivir, que estão em fase de testes pelo órgão de controle americano), uma lista de 40 compostos químicos que podem ser testados contra o Coronavírus (SARS-CoV2) em testes de triagem de drogas.

Segundo o professor Bruno Andrade, as ferramentas computacionais são capazes de informar as inte-

rações das moléculas com a proteína viral.

A pesquisa aponta que o agente causador da pandemia é um vírus de RNA da família Coronaviridae. “Esses estudos, apesar de altamente complexos são possíveis de serem realizados rapidamente pelo computador. As novas moléculas que descobrimos como possíveis drogas podem ser utilizadas por outros pesquisadores. Para a comunidade em geral, é uma esperança científica para o movimento mundial de combate ao vírus”, ressaltou o cientista da UESB de Jequié, Bruno Andrade.

O grupo de pesquisa é vinculado ao Programa de Pós-graduação em Química da UESB (PPGQui), e é composto por alunos de graduação, mestrandos e doutorandos dos departamentos de Ciências Biológicas (DCB), Departamento de Saúde (DSII) e Departamento de Ciência e Tecnologia (DCT). Participam deste novo estudo, também, colaboradores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Virginia Commonwealth University (EUA), Institute of Integrative Omics and Applied Biotechnology (Índia) e da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Professor Titular (Medicina) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus de Jequié, doutor em Biotecnologia (UEFS/FIOCRUZ) -

Modelagem Molecular e Desenho de Fármacos/Química Medicinal e coordenador do Laboratório de Bioinformática e Química Computacional - LBQC/UESB, Bruno Andrade concedeu entrevista exclusiva, por email, para a Revista COTOXÓ sobre esse relevante estudo no combate a pandemia do corononavirus.

Como surgiu essa pesquisa na UESB?

No Laboratório de Bioinformática e Química Computacional da UESB, nós trabalhamos com o desenvolvimento de moléculas para descoberta de drogas. Dessa forma, a ideia veio da necessidade de uma busca rápida para o tratamento contra o coronavírus. Utilizando ferramentas computacionais, conseguimos dar algumas respostas de forma rápida.

Quais são os pesquisadores que participam?

A pesquisa foi coordenada por mim, Bruno Andrade, e teve a participação de vários outros pesquisadores:

Wagner Rodrigues de Assis Soares (UESB)
Lucas Sousa Palmeira (UESB)
Tarcisio Silva Melo (UESB)
Raner José Santana Silva (UESC)
Andria dos Santos Freitas (UESC)
Patrícia González-Grande (UESC)
Sandeep Tiwari (UFMG)
Aristóteles Góes-Neto (UFMG)

Vasco Ariston de Carvalho Azevedo (UFMG)

Luiz Carlos Junior Alcantara (Fiocruz/RJ)

Marta Giovanetti (Fiocruz/RJ)

Preetam Ghosh (USA)

Debmalya Barth (Índia)

Como vem sendo desenvolvida a pesquisa?

A pesquisa utiliza cálculos computacionais, com moléculas de fontes naturais e as proteínas virais. No momento nós estamos acessando os computadores do laboratório remotamente, de casa. A pesquisa continua.

Qual a perspectiva e quanto tempo poderia levar essa pesquisa para encontrar um remédio, que combata o coronavírus?

A perspectiva é promissora, visto que a fonte de moléculas é grande e além disso existe as drogas que já são usadas para outras doenças e que estão sendo testadas contra o vírus. Considerando todas as etapas e esforços atuais, acredito que dentro de 18 a 24 meses teremos uma droga efetiva.

Quais são os pesquisadores do exterior envolvidos nessa pesquisa e quais são os países?

Preetam Ghosh (USA) - Americano
Debmalya Barth (Índia) - Indiano
Sandeep Tiwari (UFMG) - Indiano